

1 Introdução

Objeto

O presente trabalho investiga a história de uma escola criada no ano de 1939 na Ilha da Marambaia, situada no município de Mangaratiba no litoral sul fluminense (RJ). Ao longo deste trabalho, nos referimos a Antiga Escola da Marambaia de forma genérica para todo o período de sua existência, tendo em vista que “Escola da Marambaia” foi um termo recorrente na fala dos entrevistados quando falavam daquela instituição. O termo “Antiga” foi usado para não ser confundida com a escola que existe atualmente. No entanto, ela foi fundada como Escola de Pesca Darcy Vargas (EPDV, de 1939 a 1942), passando a se chamar Escola Técnica Darcy Vargas (ETDV, de 1942 a 1965) e finalmente Colégio Técnico Darcy Vargas (CTDV, de 1965 a 1970). As variações de uso dos termos ao longo do texto obedecem ao nome correspondente ao período discutido, conforme tabela abaixo:

Nome	Sigla	Período	Obs
Antiga Escola da Marambaia	-	1939-1970	Nome que usamos para abranger todo o período de existência da Escola.
Escola de Pesca Darcy Vargas	EPDV	1939-1942	Anos iniciais da Escola de Pesca.
Escola Técnica Darcy Vargas	ETDV	1942-1965	Quando passa ser escola técnica federal..
Colégio Técnico Darcy Vargas	CTDV	1965-1970	Forma assumida em função do convênio estabelecido entre a FACR e o Estado do Rio, por conta da crise econômica e da LDB de 1961.
Abrigo do Cristo Redentor	ACR	1935-1943	Sociedade Civil que constitui uma rede entidades assistenciais para a infância desvalida.
Fundação Abrigo do Cristo Redentor	FACR	1943-1991	Fundação de direito privado que substitui a entidade da sociedade civil e que, em 1991, é incorporada pela LBA.

Dirigida por Raphael Levy Miranda, (1939 - 1962), a Escola fazia parte de sua obra assistencial que, no Rio de Janeiro, começou com o Abrigo do Cristo Redentor em 1935. Este Abrigo atendia idosos e mendigos. Posteriormente o trabalho assistencial foi se ampliando com a construção de escolas voltadas para a formação profissional da infância desvalida.

No caso da EPDV ela foi fundada em 1940, para dar formação de nível primário e profissional de pesca aos filhos de pescadores tradicionais, parte deles descendentes da população de ex-escravos que já ocupavam a Ilha, e também a um fluxo de filhos de pescadores de várias regiões do litoral brasileiro, especialmente norte e nordeste, levadas para vivenciarem um empreendimento, até então inédito da educação de cunho profissionalizante no Brasil.

Para isso, em 1939 começou a ser construída uma extensa infra-estrutura na Ilha da Marambaia, onde só existiam duas antigas fazendas de escravos desativadas desde o final da escravidão.

Breve histórico do lugar

No século XIX a Ilha da Marambaia pertencia ao comendador Joaquim José de Souza Breves, que foi um poderoso cafeicultor e traficante de escravos do sul do Estado do Rio de Janeiro. O “Breves”, como era conhecido, mantinha seus escravos na Marambaia para “engorda” e depois os vendia, para outras fazendas (ARRUTI, 2003). Após a sua morte a posse legal da Ilha passou por certas mudanças. Em 1891 foi vendida pela esposa do comendador para a Companhia Promotora de Indústria e Melhoramentos, que em 1896 transferiu ao Banco da República do Brasil. O Banco fez um acordo com a União, que a adquiriu definitivamente. Entre 1908 e 1910 a Marinha chegou a instalar na Ilha a Escola de Aprendiz de Marinheiro do Estado do Rio de Janeiro e finalmente, em 1939, Levy Miranda consegue a autorização para construir a Escola de Pesca (YABETA, 2009).

De acordo com os atuais moradores, o “Breves” teria deixado a Ilha para os ex-escravos que lá viviam, com cada família ocupando uma praia. Entretanto, segundo os relatos disponíveis no laudo, esse acordo só foi feito de boca. Portanto, a grande maioria dos moradores da Ilha, são descendentes diretos ou indiretos de famílias que lá permanecem, há pelo menos 120 anos. Antes da chegada da EPDV praticavam-se a pesca tradicional, de conhecimento prático artesanal, e o cultivo de subsistência. Além de ter alterado a dinâmica econômica na Ilha, a Escola disponibilizou serviços públicos que nunca haviam sido oferecidos para aquela comunidade (ARRUTI, 2003).

No livro sobre Levy Miranda, Jayme Pondé faz uma caracterização dos nativos da Marambaia, de acordo com o ponto de vista de seus contemporâneos que estavam à frente

do projeto da Escola. Ele relata que a população consistia de um pequeno número de famílias, que tinha a pesca, em moldes primitivos, como única atividade, não havendo agricultura, criação e comércio, mas sim absoluta pobreza (PONDÉ, 1977). Essa caracterização, além de partilhar de um certo preconceito em relação àquela comunidade tradicional, bastante comum na ideologia modernizadora do período, tem o objetivo de atribuir uma grandiosa importância ao projeto que estava sendo realizado na Marambaia.

A Escola chegou a ter igreja, cais, casas (para professores, alunos e funcionários), grande restaurante coletivo, galpão para conserto e restauro de embarcações, fábrica de gelo, fábrica de sardinha em lata, complexo esportivo entre outras benfeitorias. Essa estrutura tinha, como um de seus objetivos, introduzir seus alunos em diferentes técnicas industriais ligadas à atividade pesqueira.

No entanto, após a morte de Getúlio Vargas, a então chamada Escola Técnica Darcy Vargas (ETDV) entrou em declínio, perdendo significativa parcela do apoio financeiro e governamental, vendo suas atividades econômicas oscilarem. Em 1965 deixou de ser uma escola de formação de pesca e estabeleceu um convênio com o Estado do Rio de Janeiro, oferecendo curso ginásial e passando a se chamar Colégio Técnico Darcy Vargas (CTDV) até ser totalmente desativada no ano de 1971, dando lugar a um Centro de Adestramento Militar da Marinha (CADIM). Esta mudança levou não só à desarticulação da Escola, mas também à retirada da maior parte dos moradores da Ilha, justamente aquela formada pelas famílias de professores, funcionários e alunos que haviam chegado com a Escola (ARRUTI, 2003).

Esse desfecho traumático também foi marcado pela dispersão ou desaparecimento de grande parte da documentação dos arquivos administrativos. Apesar disso, a memória continua muito viva nos relatos dos seus ex-alunos, ex-funcionários, gestores e comunidade.

Apresentação da documentação

Com a chegada da Marinha à Ilha da Marambaia, boa parte de sua documentação se perdeu ou ficou dispersa. O primeiro local, onde iniciamos a busca, foi na sede da FACR em Bonsucesso, no Rio de Janeiro. Partimos da hipótese de que a Fundação ainda guardasse registros administrativos relacionados à Escola. No entanto, verificamos que o

acervo documental do Abrigo do Cristo Redentor não dispunha de muito material nem mesmo sobre a própria Fundação. Encontramos no acervo documental do Abrigo do Cristo Redentor a seguinte documentação:

- Fichas individuais dos ex-alunos da FACR: São nominais e identificadas como MABs (fichas de matrículas) organizadas em ordem numérica. Desde 1940 de todas as escolas, são em torno de 23 mil. Conforme nos foi explicitado pela responsável do acervo, não há uma estimativa de em quantas destas fichas constam passagem do aluno pela Escola, porque cada ficha por aluno discorre sobre as unidades pelas quais eles passaram, portanto não havia como pegar somente as que nos interessavam. Trata-se de um material muito extenso e de grande utilidade para uma abordagem de natureza quantitativa. No entanto, as condições de trabalho no local não eram muito favoráveis e nossa abordagem qualitativa nos levou a não trabalhar com elas nesta pesquisa. Para efeito de registro e por considerar que seu formato nos sugere algumas reflexões sobre a organização da Escola, fazemos a descrição de formato composta de: filiação, cor, nascimento, naturalidade, sexo, indicação (comum no internato), nº de registro geral (FACR), religião, grau de instrução, altura, peso, nutrição, inspeção de saúde, endereço, nº da escola, data de entrada, data do desligamento, pecúlio (incentivo de 0,12% poupança para quando saísse da escola), transferência e motivo da transferência, vida escolar (aprovação) do curso primário até o profissional, ano, série, promoção. Comportamento, aplicação (no estudo e no trabalho), ano, escola, penalidade, elogios e recompensas. O curso profissional era a partir dos 12 anos. Constam informações sobre ano, série, promoção e modalidade de curso.

- Livros Relatórios Contábeis da FACR referentes aos anos de 1955, 1959 e 1964. Os relatórios possuem relação geral dos membros dos conselhos em exercício, movimento geral da fundação e das escolas profissionais. Esse material foi de grande utilidade, principalmente os textos dos conselheiros, por expressarem suas visões sobre vários assuntos relacionados ao funcionamento das Escolas profissionais, inclusive da Escola da Marambaia.

Segundo informação da Sr^a Faraídes (responsável pelo acervo), foram levadas em 2002, do Abrigo de Bonsucesso para o arquivo do Ministério Social e Combate à Fome, 1.300 caixas embaladas com a seguinte documentação:

- Diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus;

- Estatuto de 8 de junho de 1944;
- Caderneta de inscrição pessoal (alunos) da diretoria da marinha mercante;
- Regulamento das escolas profissionais (ETDV e IGV) – 1945 e 1960.
- Restante dos relatórios contábeis da FACR de 1940 a 1980.

Fizemos a busca ao arquivo do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome em Brasília, para onde foram levados os relatórios contábeis da FACR e documentos relativos às diretrizes curriculares. Nada estava catalogado e sim depositado num galpão em outro prédio. Depois de três dias inteiros procurando "agulha no palheiro" encontramos os relatórios de 1941(que trata do início da escola), 1947, 1970 (referente ao fim) e 1971 (que já não a menciona). Lá, também tivemos a oportunidade de entrar em contato com a Secretaria de Pesca que informou não possuir nenhum tipo de arquivo, onde pudéssemos encontrar informações relativas a Escola de Pesca ou Escola Técnica Darcy Vargas.

Na pesquisa feita pela Internet, localizamos no site de relacionamentos do Orkut uma comunidade chamada “Eu nasci na Ilha da Marambaia”, que em maio de 2009 tinha 61 membros. Esta comunidade tem um fórum de discussão dedicado aos ex-alunos da ETDV entre os anos de 1955 a 1960. Neste fórum são postadas por eles lembranças da época da Escola.

Ainda pela Internet (no site Overmundo, que tem uma parte dedicada às reminiscências escolares de seus membros), localizamos três crônicas do ex-aluno Nivaldo Lemos, dissertando sobre lembranças do Colégio Estadual Darcy Vargas no período em que lá esteve, que vai de 1965 a 1970. Os títulos das crônicas são: “Dores e alegrias de uma escola à beira mar”, “Aventuras de dois coroinhas no colégio interno” e “Reminiscências reúnem amigos após 43 anos”.

Fizemos contato com Nivaldo Lemos por e-mail e por seu intermédio participamos de um encontro entre os ex-alunos de sua época, na casa do ex-diretor o professor Adaury Alheiros, em Sepetiba. A participação neste encontro foi uma importante entrada para estabelecermos contato com os ex-alunos que posteriormente entrevistamos. Nivaldo Lemos também disponibilizou, seu acervo de fotos e correspondências (troçadas por e-mail) sobre lembranças compartilhadas com seus colegas de época.

Em entrevista realizada com o Sr.Eugênio Anízio, um ex-aluno da época em que a Escola foi fundada e posteriormente funcionário, conseguimos ter acesso a uma das fontes

mais importantes para nossa pesquisa, o *Manual do Patrão de Pesca* de 1942, que foi organizado pelo capitão de mar e guerra Frederico Villar, também do instituto oceanográfico brasileiro.

Em outra entrevista, realizada com Aداury Alheiros, ex-diretor do Colégio Estadual Darcy Vargas no período de 1965 a 1970, conseguimos ter acesso ao seu arquivo pessoal constituído por:

Relatórios da FACR referentes aos anos de 1947, 1964 e 1965 (neste ano a ETDV passa a se chamar CEDV através do convênio entre a FACR e o Estado do Rio de Janeiro);

Discurso do professor Jader Bruno, paraninfo da turma de formandos do ano de 1968;

Regimento interno da Escola Técnica Darcy Vargas;

Regulamento das escolas profissionais da FACR (ano de 1945);

Manual do coadjuvante de educação da FACR (ano 1955);

Regulamento do corpo de monitores da FACR (ano 1956);

Estatutos (decreto-lei nº5.760 de 19/08/1943 e decreto nº 15.801 de 08/06/1944).

Notícias de jornais sobre a “Escola da Marambaia”.

Esta documentação exigiu um trabalho de garimpo e demandou um re-direcionamento de algumas questões do projeto inicial. Procuramos não desprezar nenhuma das fontes disponíveis, o que nos obrigou a pensar, constantemente, sobre quais delas podiam ser relacionadas às questões propostas pela pesquisa. Na leitura dos documentos tentamos observar as relações com o ensino profissional, que nos apontassem alguns caminhos que a Escola possa ter buscado para se adequar às condições concretas que lhe eram colocadas.

Objetivos

Este é um estudo de caso que utiliza variadas fontes de dados para abordar a Antiga Escola da Marambaia como um evento singular, sendo esse o principal critério para identificação e seleção do caso (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

No contexto mais amplo da política nacional, procuramos responder qual era sua representatividade dentro da formulação de “homem novo” que se pretendia formar no período do Estado Novo, quando a Escola é fundada. De acordo com Nóvoa, se dá intensidade à pesquisa histórica das organizações escolares ao buscar-se uma dimensão *meso* de compreensão e intervenção, que escape da dualidade entre um olhar micro ou macro (NÓVOA, 1995). Por isso, também conferimos aos seus diversos personagens (diretores, professores, alunos e demais membros da comunidade), a condição de sujeitos históricos, tendo em vista a grandeza dos pequenos atos, os gestos, as vozes pouco ouvidas ou silenciadas, as práticas escolares, o currículo e o seu projeto educativo.

Conferindo um sentido abrangente e complexo para esse espaço social e atribuindo muita importância às suas particularidades, investigamos o que se passava no interior da Escola através da sua documentação administrativa e pedagógica. Também entrevistamos atores envolvidos no processo educativo em questão, no esforço de construir uma interpretação que não esteja descolada do contexto social de sua época. Tentamos não descrevê-la somente, mas sim integrá-la à realidade mais ampla do seu sistema educativo e ao processo de transformações da sua comunidade.

Nosso objeto de estudo foi construído na relação com alguns temas principais mais amplos como, a produção de um projeto político-militar para os pescadores, o ensino técnico, e o assistencialismo.

No campo dos debates que surgiram com a leitura da situação histórica particular destacam-se as relações desta experiência educacional com um projeto de nação do início do período republicano. Os dilemas de gestão de um empreendimento educacional e assistencialista, tendo em vista que em seu percurso a Escola também representou uma experiência singular de produção de um grande sistema integrado de organizações com dinheiro público e privado ligado à educação. A questão da disciplina militarizada, assim como as questões relacionadas às redes de memórias dos ex-alunos, que apontaram para

aspectos da estrutura interna e informal da Escola, como por exemplo, a produção de hierarquias sociais.

Desta forma, o capítulo 1 busca contextualizar o processo de gestação da Escola destacando o contexto político e ideológico do Estado Novo e tecendo comentários sobre as políticas voltadas para o ensino técnico industrial deste período. Busca-se também construir duas genealogias distintas e complementares para a Escola. No capítulo 2 é feita uma exposição sobre a estrutura e o desenvolvimento curricular da Antiga Escola da Marambaia partir de sua documentação. E finalmente no capítulo 3 são colocadas as questões relacionadas ao seu cotidiano na visão dos sujeitos entrevistados. Os anexos de cada capítulo buscam explicitar melhor a construção da nossa argumentação. Fizemos uma seleção da documentação levantada, devido ao volume de informações, e optamos pelos anexos na tentativa de não construir um texto exaustivo.